



## “PROTOMÁRTIRES DO BRASIL”: UMA HISTÓRIA DE USOS DO PASSADO PELO PRESENTE EM ESPAÇOS SACRALIZADOS

Miquéias de Medeiros Bezerra<sup>1</sup>

### RESUMO

Neste artigo, tenciona-se análise da problemática dos usos do passado pelo presente, mais detidamente, o uso mitológico. Para tal fim, debruça-se sobre os espaços sacralizados devotados aos Protomártires do Brasil, mais especificamente, o Santuário de Uruaçu, centro de função religiosa, criado pela Arquidiocese de Natal em São Gonçalo do Amarante, município do Rio Grande do Norte. Visa-se investigar os elementos recapturados e gerenciados pela referida arquidiocese, seus fiéis e colaboradores com vista à composição do espaço e da mitologia dos protomártires, para criação de uma narrativa dentro da qual os fiéis pudessem habitar e encontrar sentido, significado e direção.

**Palavras-chave:** Protomártires do Brasil; espaços sacralizados; usos do passado.

### ABSTRACT

In this article, we intend to analyze the problematic of the uses of the past for the present, more in detail, the mythological use. To this end, it focuses on the sacred spaces devoted to the Protomartyrs of Brazil, more specifically, the Santuário de Uruaçu, a center of religious function, created by the Archdiocese of Natal in São Gonçalo do Amarante, municipality of Rio Grande do Norte. The aim is to investigate the elements recaptured and managed by the aforementioned archdiocese, its faithful and collaborators with a view to composing the space and mythology of the proto-martyrs, in order to create a narrative within which the faithful could inhabit and find meaning and direction.

**Keywords:** Protomartyrs of Brazil; sacred spaces; past uses.

---

<sup>1</sup> Licenciado (2015), bacharelado e mestrando (em História & Espaços pelo Programa de Pós-Graduação em História - PPGH-UFRN) na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: miqueias.medeiros@yahoo.com.br. Artigo elaborado no âmbito do mestrado, sob a orientação do prof. dr. Magno Francisco de Jesus Santos, no ano de 2021.



## INTRODUÇÃO

O tema desse artigo tenciona os usos do passado pelo presente, as formas nas quais os fatos históricos foram pintados, envelopados e apresentados ao público no presente. As capturas e recapturas que o presente faz constantemente do passado, um passado não estático, mas que é movido, volvido e revolvido pelo presente. Este que, por sua vez, lança sobre aquele novos olhares, produzindo novas leituras e significados, novas cores e sombreados.

Com isso em mente, nosso objetivo foi discutir os elementos que foram agenciados pela Arquidiocese de Natal, colaboradores e fiéis, sobretudo entre 1988 e 2017, para a elaboração e utilização dos três espaços sagrados, concernentes aos Protomártires do Brasil,<sup>2</sup> edificadas no Rio Grande do Norte, especialmente o Santuário de Uruaçu. A partir desse recorte temporal e do livro *Protomártires do Brasil*, escrito pelo postulador monsenhor Pereira, buscamos olhar para os eventos sob a ótica dos usos do passado pelo presente, tendo como hipótese a criação de um processo de mitificação do pretérito pelo hodierno.<sup>3</sup>

Para tal fim, no nosso itinerário teórico-metodológico, valemo-nos da abordagem de Michel de Certeau da história como mito, (2013, p. 38-44) no sentido de uma história imanente, com suas personagens históricas, que permite os indivíduos se reconhecerem, se inserirem e se situarem em um conjunto social, habitarem um espaço cognitivo e simbólico no qual encontram sentido, direção e significado para a vida. E, posto que o conceito de história como mito se relacione fortemente com o de narrativa, porquanto um mito ser, mormente, uma história,<sup>4</sup> faz-se importante expormos que compreendemos narrativa como uma composição articulada complexa. Entendemos que ela consiste em uma elaboração que constrói os fatos e suas interpretações, sendo, geralmente, caracterizada por descrever um percurso no tempo, especificamente para o caso dos Protomártires do Brasil. Para esse caso, pensamo-la como montada no manuseio de vários elementos, tais como: um tempo, datas, uma cronologia (não necessariamente linear), um espaço, personagens (atores, sujeitos, protagonistas, antagonistas, heróis, anti-heróis e vilões), enredo, narradores e uma

---

<sup>2</sup> Expressão que faz referência à tese de que os Mártires de Cunhaú e Uruaçu, no Rio Grande do Norte, foram o primeiro grupo de pessoas nascidas no Brasil (mesmo antes de sua existência enquanto tal) a serem martirizadas nesse solo.

<sup>3</sup> Para uma discussão mais ampla a respeito das questões discutidas nesse artigo, *vide*: BEZERRA, Miquéias de Medeiros. **“Revolvendo as cinzas do passado”**: a construção do espaço sacroprofânico nos santuários aos Protomártires do Brasil, pela Arquidiocese de Natal/RN (1988-2017). 2021. 151 f. Dissertação (Mestrado em História & Espaço) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2021.

<sup>4</sup> No caso dos Protomártires, defendemos a hipótese de que mito e história (ou elementos de um passado humano real, com personagens históricos, imanentes, e não transcendentais, como no caso dos mitos gregos) não se excluem mutuamente, mas se retroalimentam na construção da narrativa mitológica deles.



trama. Seu principal objetivo é o de criar sentido para eventos passados, visando um determinado grupo de pessoas no presente, através de sequências meticulosamente ordenadas. O objetivo é criar uma história significativa. Para esse entendimento de narrativa, utilizamos o pensamento e contribuições do historiador francês Antoine Prost. (2014, p. 211-233).

O presente escrito foi dividido em quatro partes. Na primeira e segunda parte, pretendeu-se uma apresentação mais apropriada do objeto e problemáticas analisadas nesse artigo. Na terceira parte, realizamos um exame de um dos mais importantes documentos usados na elaboração dos Protomártires. E na quarta e última parte, discutimos um pouco das reverberações dessa fonte na formulação do Santuário de Uruaçu e da personagem São Mateus Moreira.

### **SANTUÁRIOS CATÓLICOS E ESPACIALIDADES (RE)TRAÇADAS COM SANGUE**

Os seres humanos inventam até deuses, deuses dentro de deuses, panteões, e depois os matam, os alijam ao esquecimento, os ostracizam, os extinguem. Mistura-se o sagrado com o profano, o profano com o sagrado. (ELIADE, 1992). São *homo religiosus*. Assim, um imbricado amalgamado sacroprofânico (MARCHI, 2005) ganha formas e vem à existência para experiências, em uma fisicalidade palpável ou em um imaginário intangível e etéreo. Ambos, no entanto, mostrando-se experienciáveis aos sentidos humanos, podendo nos atravessar, sendo a experiência “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. (BONDÍA, 2002, p. 21).

Os seres humanos fazem, desfazem, refazem e vão sendo feitos; formam e vão sendo formados, por si, pelas experiências ou pelos deuses que fazem e trazem a existência. Eles criam, inventam, fabricam, produzem, cultivam. São *homo faber*. Em grupos ou sozinhos, humildes ou arrogantemente investidos de si, eles constroem e nomeiam, definem e delineiam, se colocam no centro e até se fazem deuses; e desconstroem e renomeiam. Significam, simbolizam, dão utilidade e função; usam, abusam e relegam outras coisas à obsolescência de um tempo vão. Pois, “os homens são seres de ação: eles agem sobre si mesmos, sobre os outros, sobre as coisas da Terra”. (PINCHEMEL, 1994, p. 40).

Desde pequenos objetos a grandes espaços, santuários e estádios, lá as digitais humanas deixam as marcas de suas feitura, seu nome, seu sangue. Mesmo o sagrado, espaço divino, foi um dia sacralizado, divinizado, deificado, devotado; marcado por nossas mãos e impresso em traços, retraços, tintas e pinceladas com nossas impressões, e depois usados e abusados. As espacialidades carregam marcas que indicam sua feitura. Marcas dos traços de cimento, areia e água usados na construção física dos espaços cimentados e argamassados: o alicerce, as paredes, o piso, os monumentos. Marcas simbólicas nos



traços e pinceladas de cenas de martírio, à medida que vão sendo imaginadas mediante acionamento de mídias ou tecnologias de memória: um poema; uma iconografia; uma peça teatral; uma missa.<sup>5</sup> Marcas do humano, do sangue que corre nas veias, outrora derramado e deixado na construção levantada, seja pelos seus edificadores de 1645 seja pelos edificadores da década de 2000,<sup>6</sup> em um espaço constituído por um conjunto de fixos e fluxos, no qual:

Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam. (SANTOS, 2009, p. 38).

Uma demonstração do fazer espacialidades e da historicidade dos espaços,<sup>7</sup> bem como dos usos do passado pelo presente no espaço sacralizado, pode ser percebido no trato com os designados (promovidos mediante esforços da Arquidiocese de Natal/RN) Mártires<sup>8</sup> de Cunhaú e Uruaçu, principalmente no que concerne aos espaços sagrados criados e devotados a eles, esses que também são aventados como “Protomártires do Brasil”.<sup>9</sup> Mais especificamente, a saber, tangente aos três santuários, centros de função

---

<sup>5</sup> Grosso modo, conhecimentos e dispositivos, de caráter público ou privado, oficial ou informal, que se constituem enquanto suportes exteriores ao indivíduo e que são investidos de memória com vista a funcionarem como difusores, emuladores ou disparadores de memórias. Podem ser plástico/escultural, imagético/iconográfico, ritual/comemorativo, escrito/literário, sonoro, artístico. É uma adaptação do conceito de tecnologia social da memória (MUSEU DA PESSOA, 2009). São mídias que abarcam inclusive os locais: “Assim como os objetos de uma coleção, também os locais são ‘mediadores entre o passado e o presente’; também podemos dizer: são *mídias da memória*; apontam para um passado invisível e preservam o contato com ele”. (ASSMANN, 2011, p. 352. Grifo nosso).

<sup>6</sup> Referência antecipada ao objeto de reflexão histórica alvo desse artigo que será apresentado mais à frente.

<sup>7</sup> Ver, a esse respeito, importante discussão feita pelo professor e historiador Renato Amado Peixoto no artigo Zona de confluxo: a investigação da historicidade do espaço por meio do exame do afastamento da História em relação à Geografia. **Revista Porto**, v. 1, n. 1, p. 111-126, 2011. O artigo foi republicado em 2019 na segunda edição do livro *Cartografias Imaginárias*, de autoria de Peixoto, sob o título Zona de confluxo: a História dos Espaços no horizonte da aproximação da História com a Geografia e a Cartografia, como primeiro capítulo do livro.

<sup>8</sup> A designação “Mártires” foi grafada com inicial maiúscula em razão da oficialização realizada pela Igreja Católica Apostólica Romana, ao torná-los santos veneráveis mediante canonização realizada no ano de 2017.

<sup>9</sup> De acordo com dom Heitor de Araújo Sales, em prefácio à obra *Protomártires do Brasil: Cunhaú e Uruaçu – RN* (do monsenhor Francisco de Assis Pereira), a expressão “Protomártires” fora cunhada pelo arcebispo dom José Saraiva Martins (“Protomártires da grande e nobre Igreja que vive no Brasil”), prefeito da Congregação das Causas dos Santos, em saudação dirigida ao santo padre João Paulo II, pela ocasião da solenidade de promulgação do decreto *Super Martyrio*, em 21 de setembro de 1997. Foi sintetizada, então, pelo monsenhor Francisco de Assis Pereira (junto a dom Heitor de Araújo Sales), postulador da Causa de Beatificação dos Mártires de Cunhaú e Uruaçu em seu livro acima citado. A expressão faz referência à tese de que os Mártires de Cunhaú e Uruaçu foram o primeiro grupo de pessoas nascidas no Brasil (antes mesmo desse existir enquanto tal) a serem martirizadas nesse solo.



religiosa oficiais, idealizados e criados, mediante empreendimento da Arquidiocese de Natal, em Canguaretama, São Gonçalo do Amarante e Natal, Rio Grande do Norte, em alusão aos eventos conflituosos ocorridos naquelas antigas localidades no ano de 1645.

O conflito (envolvendo portugueses, holandeses e indígenas, imiscuído por elementos políticos, econômicos e religiosos) em Cunhaú, ocorreu no dia 16 de julho de 1645, e em Uruaçu no dia 3 de outubro do mesmo ano, ambos no contexto do designado período de domínio holandês (1630-1654) na América portuguesa.<sup>10</sup> Especificamente na capitania do Rio Grande,<sup>11</sup> o período de administração holandesa abarcou os anos de 1633 a 1654. Esse contexto histórico referente aos promovidos Mártires funciona, atualmente, como elemento de atração e irradiação histórica (além da ênfase em aspectos religiosos) nos santuários a eles devotados, em especial de uma memória, uma “lembrança presente das coisas passadas”, (AGOSTINHO, 1997, p. 349) aventada, que justifica os espaços histórica e religiosamente.

O episódio foi lido, interpretado, registrado, repetido e irradiado por alguns cronistas da época (GARRO, 1645; SANTIAGO, 1675; JESUS, 1679) e, posteriormente, por vários estudiosos, letrados e intelectuais (GALANTI, 1911; LYRA, 1915, 1920; POMBO, 1922; MELO, 1937; CASCUDO, 1949, 1955) com tons de martírio, morte em razão da fé, “livremente aceita” pelo fiel cristão vinculado ao catolicismo, bem como em razão do amor à pátria. Assim, a Arquidiocese de Natal também o fez, sobretudo, a partir de 1988, na ocasião em que dom Alair Vilar Fernandes de Melo (1916-1999)<sup>12</sup> tomou posse como arcebispo metropolitano de Natal, esboçando desejo, já em seu discurso de posse, pela beatificação dos designados Mártires. (ANDRADE, 2006, p. 3). Dando prosseguimento a

---

<sup>10</sup> Algumas obras de referência que podem vir a ser consultadas a respeito desse contexto são: ABREU, Capistrano de. *Guerras flamengas*. In: \_\_\_\_\_. **Capítulo de história colonial (1500-1800)**. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998. 226 p. p. 83-106; ANDRADE, Manuel Correia de et. al. (Orgs.). **Tempo dos flamengos e outros tempos**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1999; BOOGAART, Ernst van Den et al. Marcos Galindo (Org.). **Viver e morrer no Brasil holandês**. Recife: Massangana, 2005; MELLO, José Antonio Gonsalves de. **Tempo dos Flamengos: influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil**. 4. ed. Recife: Instituto Ricardo Brennand; Topbooks, 2001; SCHALKWIJK, Frans Leonard. **Igreja e Estado no Brasil Holandês (1630-1654)**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. 448 p.; VARNHAGEN, Francisco Adolfo. **História das lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 a 1654**. Lisboa: Typographia de Castro Irmão, 1872. 420 p.

<sup>11</sup> O estado do Rio Grande do Norte foi designado pela nomenclatura “capitania do Rio Grande” até meados do século XVIII. Segundo Pedro Puntoni (2002), a partir de 1737 se tornou recorrente o adjetivo “do Norte”, para diferenciá-la da capitania do Rio Grande de São Pedro, posteriormente, Rio Grande do Sul. De acordo com Rubenilson Teixeira (2003), com o tratado de Madrid, em 1750, oficializou-se o acréscimo da expressão “do Norte”.

<sup>12</sup> Nascido em Natal, foi ordenado padre no dia 19 de novembro de 1939, e nomeado bispo em 25 de março de 1970, pelo Papa Paulo VI. Recebeu a ordenação episcopal, no dia 17 de maio de 1970, das mãos de Dom Eugênio de Araújo Sales. Em 15 de maio de 1988, tomou posse como 3º Arcebispo de Natal. Dom Alair veio da diocese de Amargoso, na Bahia. Foi durante o seu governo que Natal sediou o XII Congresso Eucarístico Nacional, em 1991, que contou com a presença do papa João Paulo II, no seu encerramento. Dom Alair Vilar renunciou à Arquidiocese em 1993. (Fonte: sítio da Arquidiocese de Natal).



esse anelo, o monsenhor Francisco de Assis Pereira (1935-2011)<sup>13</sup> foi destacado para iniciar uma pesquisa histórica sobre o episódio, logo sendo designado, em 1989, como postulador da Causa de Beatificação dos Mártires de Cunhaú e Uruaçu, (ANDRADE, 2006, p. 3) tendo sua pesquisa chancelada em 1994 pelo parecer de comissão histórica constituída pela Arquidiocese de Natal/RN<sup>14</sup> e formada por José Antônio Gonçalves de Melo (1916-2002),<sup>15</sup> Olavo de Medeiros Filho (1934-2005)<sup>16</sup> e Jeanne Fonseca Leite Nesi (1951-).<sup>17</sup>

A partir do início desse processo, templos e santuários foram reformados, bem como outros criados; estátuas e monumentos foram construídos e erguidos; livros, poemas, orações, imagens, telas, cartazes e estandartes foram confeccionados e divulgados; peças teatrais populares foram produzidas e encenadas; peregrinações e romarias começaram a ocorrer com maior frequência e volume de pessoas aos locais (santuários) supracitados. Homenagens foram realizadas e feriado estadual (Lei nº 8.913/2006) foi pleiteado junto ao governo. O empreendimento foi investido de força suficiente, “revolvendo as cinzas do

---

<sup>13</sup> Nascido em Santa Cruz/RN, foi ordenado sacerdote em 13 de abril de 1958. Em Roma, Itália, fez doutorado em Filosofia e em Teologia. Na Arquidiocese de Natal, desempenhou várias funções, entre elas pároco das Paróquias de Nossa Senhora Aparecida, em Neópolis, da Sagrada Família, nas Rocas, e de São João Batista, em Lagoa Seca, todas na capital; coordenador da cúria metropolitana, nos governos de Dom Alair Vilar e Dom Heitor Sales; Vigário Geral, no governo de Dom Heitor; Vigário Episcopal para o Clero; Coordenador Arquidiocesano de Pastoral; diretor do Curso de Teologia do Seminário de São Pedro; coordenador do arquivo; Postulador das causas de beatificação e canonização dos Mártires de Cunhaú e Uruaçu; de beatificação de Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira (Arquidiocese de Olinda e Recife), do Padre Ibiapina (Diocese de Guarabira – PB) e da reabilitação do Padre Cícero. Ele escreveu e publicou dois livros, sendo um sobre a história os Protomártires do Brasil e outro sobre o Beato Mateus Moreira, patrono dos Ministros da Eucaristia. Monsenhor Assis foi também professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. (Fonte: sítio da Arquidiocese de Natal).

<sup>14</sup> Decreto de 20 julho de 1993, do Excelentíssimo e Reverendíssimo Dom Alair Vilar Fernandes de Melo, Arcebispo Metropolitano de Natal. (PEREIRA, 1999. p. 125).

<sup>15</sup> Graduado em direito (1937) pela Faculdade de Direito do Recife. Primo de Gilberto Freyre, ajudou-o com algumas contribuições como indicações de caminhos de pesquisa em *Casa grande & Senzala*. Com domínio da língua holandesa, dedicou-se aos estudos da história desses povos flamengos, sobretudo, quando da estadia deles na América portuguesa. Fundou o Instituto Brasil-Holanda (1940). Foi sócio efetivo do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Dirigiu de 1941 a 1950 o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (hoje Fundação Joaquim Nabuco) e foi professor na Universidade do Recife (hoje Universidade Federal de Pernambuco) até 1977. (Fonte: sítio da Fundação Joaquim Nabuco).

<sup>16</sup> Funcionário, por concurso, do Banco do Brasil (1952-1982), pertenceu aos Institutos Históricos e Geográficos do Rio Grande do Norte e do Espírito Santo, ao Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, ao Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), à Sociedade Cearense de Geografia e História, ao Colégio Brasileiro de Genealogia, à Academia Norte Rio-Grandense de Letras, e ao Conselho-Diretor das Fundações José Augusto e Helio Galvão, de Natal. Foi eleito sócio correspondente do IHGB em 29 de julho de 1987. (Fonte: sítio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro).

<sup>17</sup> Arquiteta, estudiosa da história potiguar, sócia do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, era, à época do parecer da comissão de história, superintendente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico, no Rio Grande do Norte. (Fonte: sítio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico, no Rio Grande do Norte.).



passado”,<sup>18</sup> de modo a elaborar narrativa, construir espaços sagrados e incrementar templos já existentes, dando-lhes notória visibilidade e dizibilidade, promovendo, assim, uma intensa divulgação. Formaram-se, portanto, a partir de forças do presente, de uma espécie de tempo agora, por narradores vinculados, sobretudo, ao catolicismo e a Arquidiocese de Natal. Não só religiosos passaram, então, a se interessar pelos locais, mas também turistas, comerciantes, estudantes, professores, pesquisadores e lideranças políticas.

## DO “FRIO TUMULO DA INDIFERENÇA E DO OLVIDO”

Todo esse esforço, pensamos, adveio muito em razão de se querer lidar com um reclame antigo, qual seja:

Um esquecimento imperdoável envolve a memória dos mártires de Uruassú e Cunhaú.

Quando se fala tanto na conquista holandêsa, glorificando-se figuras proeminentes da invasão, e se chega a lamentar que a nossa nacionalidade não haja sido plasmada pelos flamengos, que transformaram as terras potiguares em campos de ruínas e de morte, os heróis da campanha libertadora continuam encerrados no frio tumulo da indiferença e do olvido. (MELO, 1937, p. 9).<sup>19</sup>

Com essas palavras, em abril de 1937, de São José de Mipibú/RN, já lançando mão do uso da designação “mártires”, o padre Paulo Herôncio de Melo teceu os dois primeiros parágrafos do preâmbulo de sua obra *Os Holandeses no Rio Grande*. Naquela ocasião, deixou expresso seu intuito de “assoprar um pouco da poeira que cobre a lembrança daqueles que foram realmente mártires da pátria e da Igreja e que se tornaram merecedores do culto dos pósteros”, (MELO, 1937, p. 9-10) assim como o de prestar “a homenagem do meu respeito e da minha veneração à memória de tão brava gente”. (MELO, 1937, p. 10).

Essa mesma obra do padre Herôncio de Melo, posteriormente, fora apreciada como um trabalho que “originou o esforço rumo à beatificação e canonização dos mártires de Cunhaú e Uruaçu”, (PEIXOTO, 2014, p. 7; 2015, p. 36) e isso “por ter estabelecido um padrão de apreciação dos acontecimentos de 1645 nos engenhos Cunhaú e Uruaçu [sic]”. (PEIXOTO, 2015, p. 36). Esses processos de beatificação e canonização foram fundamentais para justificação dos esforços à restauração, construção e incrementos dos espaços devotados aos Mártires,<sup>20</sup> bem como na elaboração de uma maneira de vê-los e

<sup>18</sup> Expressão do padre José Maria Lustosa Cabral, no prefácio *Duas palavras*, da primeira edição (1937) da obra do padre Paulo Herôncio de Melo, *Os holandeses no Rio Grande*, texto de grande influxo no empreendimento rumo à beatificação e canonização dos Protomártires do Brasil.

<sup>19</sup> Mantivemos a grafia de época, coetânea a fonte nas citações diretas, tanto nessa quanto nas demais, no prosseguimento do artigo.

<sup>20</sup> Ao todo, foram considerados trinta Mártires para a beatificação e canonização, a saber: mortos em Cunhaú, (1) Padre André do Soveral e (2) Domingos Carvalho; Mortos em Uruaçu, (3) Padre Ambrósio Francisco Ferro; (4) Antônio Vilela, o Moço; (5) José do Porto; (6) Francisco de Bastos; (7)



dizê-los, de “figuras, imagens, que permitem ver e falar de forma diferenciada” (ALBUQUERQUE Jr, 2013, p. 43) a respeito dos acontecimentos em Cunhaú e Uruaçu através dos santuários, por exemplo. Espaços que aludem a eventos antigos que foram lembrados, rememorados, revividos, recriados, repetidos de maneiras diferentes ao longo de séculos, sendo assim “o mesmo, mas de outra maneira”, (SCHOPENHAUER apud PEIXOTO, 2020, p. 253) em “uma leitura da história enquanto legitimação do presente” (GUIMARÃES, 1988, p. 17) nas muitas faces e usos de um acontecido.

Desde então, o Santuário dos Mártires (em Natal/RN, inaugurado em 2009),<sup>21</sup> a Capela Nossa Senhora das Candeias, no antigo Engenho Cunhaú (em Canguaretama/RN, construída provavelmente no final do século XVI, reconstruída nos anos 1980 e reinaugurada em 1986)<sup>22</sup> e o Santuário de Uruaçu (em São Gonçalo do Amarante/RN, complexo religioso construído nos anos 2000) têm se apresentado e mostrado como recentes e promissores espaços sacralizados alvos de procissões, peregrinações e romarias,<sup>23</sup> sobretudo, no que diz respeito a esse último citado.<sup>24</sup> Considerando o conjunto

---

Diogo Pereira; (8) João Lostão Navarro; (9) Antônio Vilela Cid; (10) Estevão Machado de Miranda; (11) Vicente de Souza Pereira; (12) Francisco Mendes Pereira; (13) João da Silveira; (14) Simão Correia; (15) Antônio Barracho; (16) Mateus Moreira; (17) João Martins; (18) Manuel Rodrigues Moura; (19) a esposa de Manuel Rodrigues Moura; (20) uma filha de Antônio Vilela, o Moço; (21) uma filha de Francisco Dias, o Moço; (22) primeiro jovem companheiro de João Martins; (23) segundo jovem companheiro de João Martins; (24) terceiro jovem companheiro de João Martins; (25) quarto jovem companheiro de João Martins; (26) quinto jovem companheiro de João Martins; (27) sexto jovem companheiro de João Martins; (28) sétimo jovem companheiro de João Martins; (29) primeira filha de Estevão Machado de Miranda; (30) segunda filha de Estevão Machado de Miranda. Todos foram beatificados e canonizados.

<sup>21</sup> Construído, mormente, sob a intenção de atrair devotos para os Mártires, em razão de os outros santuários se localizarem distantes da cidade de Natal, esta mais populosa em relação a São Gonçalo do Amarante e Canguaretama, portanto, capaz de oferecer maior quantidade de fiéis em potencial para os Mártires.

<sup>22</sup> Tombada como ruína pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1964. Reconstruída nos anos 80 pela Fundação José Augusto (FJA) e reinaugurada em 15 de fevereiro de 1986, com cerimônia na própria capela. As atividades regulares em devoção aos Mártires, fora do tempo da festa, ocorrem em um espaço construído nas proximidades da Capela Nossa Senhora das Candeias, denominado de Santuário Chama de Amor, construído nos anos 2000, na RN 269, no trecho entre Canguaretama e Pedro Velho. Duas das razões para isso são: (1) o fato de que a capela de Nossa Senhora das Candeias é bem pequena e (2) está localizada em uma propriedade privada. O território da capela envolve uma complexa administração entre uma fazenda/engenho privado, o IPHAN e a Arquidiocese de Natal.

<sup>23</sup> A peregrinação (termo derivado dos vocábulos *peregrinus*, *peregre*) pode ser entendida como “(...) uma marcha ritual em que, partindo de uma periferia mais ou menos distante, se entra temporariamente num centro ou foco de concentração do sagrado, para depois retornar ao mesmo ponto de partida, confortado pela participação em virtude do sagrado”. (BALBINOT, 1998, p. 80 apud SANTOS; NUNES, 2005, p. 100). A romaria (termo derivado dos vocábulos *romerus*, *romerius*, que era usado para designar os peregrinos que iam a Roma, a partir do século VI, em razão do domínio mulçumano na Terra Santa (BALBINOT, 1998, p. 80 apud SANTOS; NUNES, 2005, p. 101; ROSENDAHL, 2012, p. 20) pode ser conceituada como “o momento da festa, da visita ao santo padroeiro, ou particular. Os devotos veneram os santos como ‘amigo’, o santo atende aos pedidos que lhes são feitos, o que coloca os cristãos na obrigação de cumprir as promessas feitas. Nessa concepção, romaria aparece ligada à ideia de veneração aos santos (veneração com forte intimidade entre o devoto e o santo) e à prática de cumprimento da promessa (ex-voto ou desobriga)”. (SANTOS; NUNES, 2005, p. 100). “As manifestações cardinais da romaria conservam identidade:



dos três santuários, a principal celebração tem ocorrido no dia 3 de outubro, com peregrinações e romaria ao santuário de São Gonçalo do Amarante. “Esse santuário foi criado após a beatificação (2000) e é um dos espaços devocionais do estado com maior crescimento, principalmente após a canonização dos Mártires celebrada em 2017”. (SANTOS, 2018, p. 116).

Nesse local, em Uruaçu, fora direcionada homenagem de veneração à memória (dos já chamados Mártires à época), em 3 de outubro de 1932, com a inauguração de um cruzeiro, erguido mediante esforço de um professor chamado Luís Soares, à época chefe da Associação dos Escoteiros do Alecrim, Natal/RN.<sup>25</sup> Desde 1929, com a visita de Mário de Andrade (1893-1945) às ruínas da capela do engenho Cunhaú, com incentivos à lembrança dos Mártires pelo bispo de Natal/RN Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas (1888-1967),<sup>26</sup> e a realização de algumas peregrinações à capela de Nossa Senhora das Candeias (Cunhaú), até 1988, muitas foram as manifestações da memória, movidas principalmente

---

promessa, o culto comunitário e teoricamente oficial da missa e da procissão, o intercâmbio e a comunicação, a feira em volta do santuário, o canto, a dança durante o caminhar de ida e volta e o encontro e conagração entre famílias”. (SANCHIS, 1979, p. 251 apud SANTOS; NUNES, 2005, p. 101).

<sup>24</sup> A saber, há ainda outros três espaços no Rio Grande do Norte que foram nomeados com vista a homenagear a memória dos Mártires, quais sejam: paróquia do Santo André de Soveral – Emaús, Parnamirim (RN); paróquia de São Mateus Moreira – Cidade Verde, Parnamirim (RN) e a paróquia do Santo Ambrósio Francisco Ferro – Planalto, Natal (RN).

<sup>25</sup> Luiz Correa Soares de Araújo nasceu em Assú/RN, em 18 de janeiro de 1888, e faleceu em 13 de agosto de 1967, em Natal/RN. Filho de Pedro Soares de Araújo, açuense e neto de portugueses, e de D. Ana Senhorinha, de Serra Negra do Norte, cursou o ensino primário na escola particular de dona Nila Câmara, em Assu. Após cursar Humanidades no Atheneu norte rio-grandense, diplomou-se pela Escola Normal de Natal, em 1910, sendo, na ocasião da formatura, o orador da turma. Viveu boa parte de sua vida em Natal, no bairro do Alecrim. Nesse bairro, foi Diretor do Grupo Escolar Frei Miguelinho, a partir de 1917, e fundador do Grupo de Escoteiros do Alecrim, em 1919. Escreveu frequentemente no periódico *A República*, divulgando e dialogando a respeito de suas ideias, e trabalhou na direção da revista *Pedagogium*, publicação da Associação de Professores do Rio Grande do Norte (APRN). Em 1945, Luís Soares participou ativamente da organização e instalação da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Natal, que mais tarde integraria a Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Em 1950, ele foi eleito para a Câmara de Vereadores de Natal, na qual foi posto como vice-presidente. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Natal, da Academia Potiguar de Letras e do Conselho Estadual de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte. Mais detalhes biográficos sobre Luiz Correa Soares de Araújo podem ser encontrados em: LIMA, Douglas Albert de Souza. Luís Soares Correia de Araújo: traços de uma biografia. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, jul., 2011; OLIVEIRA, Luiz Antônio de. **O martírio encenado**: memória, narrativa e teatralização do passado no litoral sul do Rio Grande do Norte. 2003. 153f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/727>>. Acesso em: 8 nov. 2018. p. 68, 90 e 155; PEREIRA, Francisco de Assis. **Protomártires do Brasil**: Cunhaú e Uruaçu – RN. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1999. p. 114. PINTO, Amanda Thaise Emerenciano. **A presença do professor Luiz Correia Soares de Araújo no Grupo Escolar Frei Miguelinho (1912-1967)**. 2015. 92f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

<sup>26</sup> Primeiro arcebispo de Natal, atuou no governo da diocese e posterior arquidiocese (pela bula *Arduum Onus*, do Papa Pio XII, a diocese de Natal foi elevada à Arquidiocese de Natal em 1952) durante 38 anos, de 1929 a 1967, sendo esse o maior tempo de governo arquidiocesano de um arcebispo já experimentado pela Arquidiocese de Natal. (Fonte: sítio da Arquidiocese de Natal).



por autoridades religiosas e religiosos de vulto, para não se permitir a deslembração, o esquecimento, tido como imperdoável, envolver a memória dos Mártires. Desse modo, de alguma maneira os mortos permaneceram vivos nos belos e encantadores, misteriosos e sombrios e labirínticos e pormenorizados movimentos das reminiscências humanas. Mas a partir de 1988, contudo, esforços realmente claros começaram a ser empreendidos por autoridades religiosas da Arquidiocese de Natal, com vista à beatificação e canonização dos Mártires.

Dessa feita, ao visitarmos atualmente, no dia 3 de outubro, as proximidades do local do incidente em Uruaçu, certamente, não encontraremos apenas uma tímida e solitária cruz vazia a ermo, banhada pela chuva, rachada pelo sol, percutida pelo vento, marcada pela “voragem do tempo”, (ABREU, 1998, p. 61) pelos dentes de Cronos, (HESÍODO, 2010, p. 43) “este todo-poderoso decorador de ruínas”. (MICHELET apud CERTEAU, 2013, p. XV). Certamente, não encontraremos apenas um pequeno grupo de pessoas interessadas em homenagear os Mártires empoeirados na memória ou distantes, lá no fundo, no frio túmulo do olvido.

Certamente, encontraremos uma imponente construção erigida aos Mártires, agora, já beatificados e canonizados. Uma construção que, quiçá, faça alusão à cerca ou “casa bem fortificada e cercada de estacas”, feita de madeira de carnaúba,<sup>27</sup> construída para abrigar os moradores locais contra as investidas dos holandeses e seus aliados, como contam os cronistas de época. Encontrar-nos-emos com uma quantidade significativa de pessoas, curiosos, romeiros expressando devoção, os quais não parecem tomar conhecimento de um “Deus está morto”, (NIETZSCHE, 2012) um Deus “afugentado”, (HEIDEGGER apud BRÜSEKE, 2005, p. 16) de uma religião como “ilusão coletiva”, (FREUD, 1974) de uma religião como “ópio do povo”, (MARX, 2010) de um “desencantamento do mundo”, (WEBER, 2013) de uma desnarratização ou demitologização, um mundo incréus, “uma era secular”, (TAYLOR, 2010) completamente dessacralizada e secularizada.<sup>28</sup> Lá veremos motos, carros, ônibus, vendedores ambulantes, barraquinhas de vendas de lanche; uma capela, algumas edificações de um lado e um monumento permanente aos Mártires do outro. Veremos temporalidades e espacialidades construídas

---

<sup>27</sup> Diário de Viagem à Paraíba e ao Rio Grande, de 1645, do Alto e Secreto Conselheiro holandês Adriaen van Bullestraten. (PEREIRA, 1999, p. 25-26).

<sup>28</sup> Ressalto que todos esses autores citados pensavam o sagrado e a religião de maneiras diferentes, por vezes divergentes, além de pensarem esses conceitos em contextos diversos. Meu uso deles aqui é, portanto, retórico, no sentido de criar e acionar uma ironia no texto, tencionando apontar para ideia de um sagrado “fora de moda”. Uma pesquisa e discussão a respeito do mundo estar ficando mais religioso foi levada a cabo pelo *Pew Research Center*, com pesquisa divulgada pelo *The Washington Post*, intitulada *The word is expected to become more religious – not less*.



por seres humanos que criam, fazem, praticam, significam; usam e abusam. Encontrar-nos-emos com uma hierópolis<sup>29</sup> que, é claro, nem sempre esteve ali e não surgiu *ex nihilo*.<sup>30</sup>

Esses espaços imanentes são feitura humana. E, ao percebê-los no tempo, na historicidade que é tão cara ao historiador munido de suas fontes históricas, vê-se e reflete-se a respeito deles enquanto espacialidades metamorfoseadas e metamorfoseantes, usadas e usáveis, repletas de complexas narrativas e deambulações, passos, traços e impressões humanas, passíveis às tintas e penas do triunfo e do tormento.

### “NÃO COM A PENA DO TORMENTO, SENÃO COM A TINTA DO TRIUNFO”: UM CRONISTA COETÂNEO

Um forte argumento, que foi elaborado com vista à construção dos Protomártires do Brasil, diz respeito ao que o postulador da causa chamou de “fama de martírio”, que por sua vez fora perpetrada durante os séculos XVII a XX. Esse argumento foi criado e desenvolvido pelo monsenhor Francisco de Assis Pereira, e apresentado ao público geral no sexto capítulo do seu livro *Protomártires do Brasil: Cunháu e Uruaçu – RN*, publicado pela primeira vez no ano de 1999. Intitulado “Fama de martírio e de santidade dos servos de Deus”, esse sexto capítulo fora dedicado a ideia de que perdurou “desde os tempos do martírio até os nossos dias, uma constante e não-interrompida corrente de veneração à sua memória”. Como contribuidores para manutenção dessa corrente, o postulador elenca três cronistas portugueses do século XVII, a saber: Lopo Curado Garro, Frei Rafael de Jesus e Diogo Lopes Santiago. Para os séculos XVIII a XX, lista Dom Domingos Loureto Couto, Francisco Adolfo Varnhagen, Raphael Galanti, Tavares de Lyra, Rocha Pombo, Câmara Cascudo e Paulo Herôncio de Melo, dentre outros. Em razão do espaço limitado desse artigo, discutiremos apenas um cronista coevo: Lopo Curado Garro.

Boa parte da narrativa e das imagens que aparecem difundidas, atualmente, nos santuários aos Protomártires do Brasil, parecem advir, mormente, de um documento escrito chamado *Breve, verdadeira e autêntica relação das últimas tiranias e crueldades, que os pérfidos holandeses usaram com os moradores do Rio Grande* (chamado de Relação de Lopo Curado Garro, pelo monsenhor Francisco de Assis Pereira, postulador da causa dos Mártires). De acordo com a data registrada no final do documento, ele foi redigido em 23 de

---

<sup>29</sup> Para uma discussão concernente a esse conceito, *vide*: ROSENDAHL, Zeny. **Hierópolis: o sagrado e o urbano**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. 112 p. (Série Geografia Cultural). \_\_\_\_\_. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002 [original 1996]. 92 p. (Série Geografia Cultural). \_\_\_\_\_. **Primeiro a obrigação, depois a devoção: estratégias espaciais da Igreja Católica no Brasil de 1500 a 2005**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. 196 p.

<sup>30</sup> Expressão latina que significa “a partir do nada”; “é o conceito de objetos materiais sendo criados sem a utilização de matéria pré-existente”. In: WALTON, John H. **O mundo perdido de Adão e Eva: o debate sobre a origem da humanidade e a leitura de Gênesis**. 1. ed. Viçosa, MG: Ultimato, 2016. p. 31 e 228.



outubro de 1645, vinte dias após o conflito em Uruaçu e pouco mais que três meses após o conflito em Cunhaú, sendo considerado, portanto, uma fonte de época, um testemunho coetâneo. Esse documento parece nortear a apreciação dos conflitos em Cunhaú e Uruaçu e, por conseguinte, a sua apresentação espacial nos espaços sagrados de Cunhaú e Uruaçu. Ele parece ter exercido uma influência considerável nas formas de ver e dizer concernentes aos conflitos em Cunhaú e Uruaçu. Informações e elementos advindos dessa carta reverberam até os dias de hoje nos santuários, espaços sacralizados e dedicados aos Protomártires do Brasil, razão pela qual a carta é uma fonte tão importante para o entendimento da visão portuguesa sobre os incidentes naquelas localidades do Rio Grande. Essa fonte também atravessou todas as narrativas historiográficas a respeito dos acontecimentos supracitados, de modo que é possível perceber suas reverberações, especialmente, em relação aos eventos em Uruaçu.

O monsenhor Francisco de Assis Pereira, autor da pesquisa histórica que justificou o episódio como Martírio perante a Igreja Católica Apostólica Romana e seus fiéis, o mesmo religioso que redigiu o *Positio*, documento apresentado aos oficiais da Igreja em Roma responsáveis pela beatificação e canonização (a Congregação das Causas dos Santos), e que foi o postulador da causa do martírio em função da beatificação e canonização, pôde manusear esse documento por várias vezes. Citando-o em seus escritos, apreciou a fonte como sendo “o documento mais antigo sobre os acontecimentos que estamos analisando”, (PEREIRA, 1999, p. 37, 107) em alusão aos eventos conflituosos em Uruaçu.

Esse documento deu origem, inspirando, os outros três principais textos que são usados como fontes históricas coetâneas para justificar o martírio.<sup>31</sup> Essas três fontes são as que foram usadas para fundamentar a argumentação em favor do martírio, sobretudo, no capítulo cinco, intitulado “O massacre de Uruaçu à luz dos critérios da igreja sobre o martírio”, do livro do monsenhor Pereira (*Protomártires do Brasil: Cunhaú e Uruaçu – RN*). Essa seção do livro tencionava, a saber:

Provar, através da análise minuciosa dos fatos, dos personagens e das situações históricas, que o massacre de vários moradores no porto de Uruaçu, a 3 de outubro de 1645, se caracteriza como autêntico martírio no sentido cristão. (PEREIRA, 1999, p. 37, 89).

<sup>31</sup> “[...] a fonte portuguesa mais antiga, a Relação de Lopo Curado Garro, que deu origem às outras versões dos cronistas.” (PEREIRA, 1999, p. 29). Os outros cronistas e fontes são, a saber: SALVADOR, Frei Manuel Calado do. **O valeroso lucideno e o triunfo da liberdade**. Lisboa: Oficina de Domingos Carneiro, 1668. 356 p. Disponível em: <<http://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/18144>>. Acesso em: 21 nov. 2018. Nessa fonte, o texto *Breve, verdadeira e autêntica relação das últimas tiranias e crueldades, que os pérfidos holandeses usaram com os moradores do Rio Grande* aparece transcrito; JESUS, Frei Rafael de. **Catrioto lusitano**. Paris: J. P. Aillaud, 1844 (original 1679). 608 p. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/179485>>. Acesso em: 21 nov. 2018. SANTIAGO, Diogo Lopes. **História da guerra de Pernambuco**. Recife: FUNDARPE, 1984 [original 1675]. 596 p. (Coleção Pernambucana).



Nesse capítulo, Pereira cita literalmente trechos da fonte (como em uma espécie de história do tipo tesoura e cola)<sup>32</sup> para provar as três condições que a Igreja Católica exigia para que se caracterizasse um verdadeiro martírio no sentido teológico-canônico defendido por ela, qual seja: (1) morte violenta; (2) *in odium fidei* (por ódio à fé); (3) livremente aceita pelo fiel. Nele, o monsenhor dedicava quatorze páginas, das dezessete de todo o capítulo, para citações diretas da fonte, ao que definia como “demonstração histórica do martírio”, (PEREIRA, 1999, p. 89) “a exata compreensão dos fatos”, (PEREIRA, 1999, p. 90) sem realizar, de fato, nenhuma análise crítica propriamente histórica da fonte, visando perscrutar os pressupostos de elaboração dela. Sua compreensão parecia ser a de que a fonte histórica carregava em si o fato histórico já pronto e acabado, exatamente como aconteceu, de maneira límpida, transparente, neutra ou imparcial, de modo que citar diretamente o conteúdo da fonte provava objetivamente a completude do fato por ela narrado. Desse modo, a Relação de Lopo Curado Garro fora usada, amiúde, para construir o argumento do martírio.

Entretanto, é preciso arguir o documento para entender o seu processo de escrita. Esse documento, que originou os outros três, foi escrito por Lopo Curado Garro. Garro era um capitão de guerra português que escreveu “aos dois Mestres de Campo, e Governadores da Liberdade de Pernambuco, João Fernandes Vieira, e André Vidal de Negreiros”. (GARRO, 1668, p. 126). Esses dois mestres de campo foram dois dos principais líderes da chamada (também pelo monsenhor Pereira em seu livro aqui abordado) (PEREIRA, 1999, p. 13, 19) Insurreição Pernambucana (1645-1654), movimento através do qual se pretendia a expulsão dos holandeses das terras do que hoje é conhecido como Nordeste do Brasil. Por isso, foram chamados por Garro, em seu texto, de governadores da liberdade de Pernambuco. O monsenhor Pereira se refere a eles como “governadores de guerra”, comandantes das “forças patrióticas” que “comandavam as operações” de insurreição contra o domínio holandês. (PEREIRA, 1999, p. 19, 90).

João Fernandes Vieira era chamado o “governador da liberdade e o defensor da fé”, “tão bom cristão como valente soldado”. *A guerra era considerada uma empresa da liberdade em defesa da Pátria e da fé católica*. O entusiasmo com que todos abraçavam a nobre causa era expresso através do mote, várias vezes repetido: “Viva a fé de Cristo, a liberdade, vitória, vitória. (PEREIRA, 1999, p. 90. Grifo nosso).

O documento de Garro se propunha a ser uma carta, como queria o próprio autor, (GARRO, 1668, p. 130) e pensamos que ela oferece indícios de que foi escrita também com o objetivo de enaltecer, incentivar e encorajar os portugueses e seus aliados no contexto dos combates que objetivavam a expulsão dos holandeses e seus aliados. Garro narrou

---

<sup>32</sup> “visão da história como mera compilação de fatos” (CARR, 1978, p.26).



cenar com “*impressionante realismo e fortes tintas*” (PEREIRA, 1999, p. 30. Grifo nosso) porque não estava isento da posição que ocupava como capitão de guerra, de para quem estava escrevendo (dois mestres de campo que faziam as informações chegar aos seus soldados) e das circunstâncias de guerra nas quais estava atuando. Ele manuseou a pena e a tinta imprimindo ênfases, criando imagens, através de palavras e frases a fim de alcançar o seu objetivo.

A carta indiciava o esforço de incentivar os mestres de campo e demais soldados, criando imagens do triunfo português e da derrota dos inimigos. Como se percebe, já desde o título do documento, aos inimigos dos portugueses foram destinados adjetivos como tiranos, cruéis e pérfidos. Diante do “que fizeram os tiranos Flamengos, acompanhados de bárbaros Tapuias, e Pitiguares”,

escureça todas quantas têm sucedido no mundo em tempo dos Imperadores Romanos antigos; memória que haverá enquanto durar o dito; pois o sangue derramado de tantos inocentes, clama aos Céus justiça, e aos Príncipes da terra favor, a tomar vingança de tais tiranos. (GARRO, 1668, p. 126).

Desleais, traidores, covardes, “com a tirania e deshumanidade, que em seus corações habita”, “os Flamengos despiram nus aos ditos moradores [de Uruaçu], e os mandaram pôr de joelhos (o que eles receberam com muita paciência, e os olhos em Deus) e logo chamaram aos Brasilianos para os matar”, “fazendo nos corpos desses mártires tais anatomias, que são incríveis”. Os “ditos Flamengos, os ajudaram a matar, assim arrancando os olhos a uns, e tirando as línguas a outros, e cortando as partes vergonhosas, e metendo-lhes nas bocas”. Os batavos “deixaram os corpos postos ao Sol, e sobre a terra, e sem sepultura nenhuma, e os membros tão divididos em partes, que não se conhecia quais eram os de cada um dos mártires”, negando o “lamentar com suspiros, e lágrimas seus desaventurados dias” às “pobres viúvas”, “as fizeram calar, ora com ruins palavras, ora com pés, e mãos, dando-lhes de bofetadas, e coices, e ameaçando-as, que as haviam de matar se choravam [sic]”. “Julguem agora Vossas Senhorias o que faziam as pobres viúvas?”, perguntou o capitão Lopo Curado Garro em sua carta aos dois mestres de campo. “[...] O sangue derramado de tantos inocentes, clama aos Céus justiça, e aos Príncipes da terra favor, a tomar vingança de tais tiranos”. Pois “[...] mais vale passar por todos os tormentos da morte, que viver morrendo entre o nome de tal gente”. “A Mateus Moreira o abriram por as costas, e lhe tiraram também o coração, e as últimas palavras, estando neste martírio, que disse, foram louvar a Deus, dizendo: *Louvado seja o Santíssimo Sacramento*”. (GARRO, 1668, p. 126-130).

A ideia de martírio e de Mártires já aparecia aventada por Garro em sua carta, bem como também a ideia de defesa da pátria e da fé católica. Em um tempo, espaço e



circunstâncias históricas nas quais não se costumava separar Estados e religião, o capitão Garro fez uso de elementos e doutrinas da fé católica a fim de incentivar à luta contra os invasores flamengos e os nativos indígenas aliados, demonstrando que tinha conhecimento dos conceitos e mediadores que as pessoas para quem estava se dirigindo manejavam para enxergar, ler e atuar no mundo. Para tal fim, lançou mão de “impressionante realismo e fortes tintas”, “em cores bem vivas”, (PEREIRA, 1999, p. 108) com “tinta do triunfo”, (JESUS *apud* PEREIRA, 1999, p. 108) triunfo da morte, se necessário, como martírio; triunfo do heroísmo em razão do afeto à pátria, tencionando incentivar um veemente engajamento dos mestres de campo e soldados em uma batalha candente contra os inimigos.

Sendo assim, a fonte não se mostrava transparente, límpida e neutra.<sup>33</sup> O conteúdo, a forma, o estilo da carta dão fortes indícios da intenção do documento em criar heróis e Mártires exemplares. Com isso, não se está negando categoricamente os conflitos, as mortes, nem a existência, na complexa empiria da vida, no “horizonte de experiência na ordem temporal” (DOOYEWEERD, 2018. p. 60) das personagens históricas canonizadas, mas apenas se afirmando que a análise crítica das fontes deveria ser realizada, se se pretendia uma abordagem histórica, como havia sinalizado o monsenhor Pereira. O documento não foi escrito por alguém isento, mas por um capitão que, de acordo com o conteúdo, forma e estilo de sua carta, deu a entender que muito conhecia a respeito de guerra e da fé católica, de como relacioná-las e usar as palavras para aumentar o ânimo e efervescência de soldados em batalha, narrando com tenacidade a animosidade entre as partes conflitantes, através de frases devidamente elaboradas em uma espécie de libelo contra os holandeses e indígenas aliados.

Heróis da pátria e da fé foram, então, propostos, como uma forma de uso do passado em um presente, sendo esse presente o momento do enfrentamento dos holandeses. E, para o postulador Pereira, essa é uma “memória que haverá enquanto durar o dito”, (GARRO, 1668, p. 126) em uma espécie de “corrente de veneração à sua memória”, (PEREIRA, 1999, p. 107) enquanto ele for repetido, revolvido, recapturado (nas peregrinações, romarias, missas, rezas atualmente), assim como foi enfatizada a ideia de martírio pelo capitão Lopo Curado Garro, ao repetir treze vezes as palavras “mártir” e “martírio” em sua carta. Certos tons dessa carta reverberam, hoje, nos santuários dedicados aos Protomártires. Analisemos, portanto, o caso do Santuário de Uruaçu.

---

<sup>33</sup> E isso não consiste em um grande problema para o historiador, uma vez que este está justamente interessado no emaranhado do fazer e desfazer humano no tempo e no espaço.



## A “TINTA DO TRIUNFO”: O SANTUÁRIO DE URUAÇU E MATEUS MOREIRA

No Santuário de Uruaçu, há uma personagem histórica e religiosa que aparece destacada, dita, vista, revolvida e usada de maneiras significativamente diferenciadas em relação aos demais declarados Mártires referentes a Uruaçu.<sup>34</sup> Isso pode vir a ser percebido, genericamente (em um primeiro momento), sobretudo, no dia 3 de outubro, quando das peregrinações, romarias, celebrações e expressões devocionais de petição, gratidão e louvor aos Mártires se intensificam substancialmente, tornando-se facilmente visíveis, para qualquer pessoa que visite o Santuário de Uruaçu, a presença representada de Mateus Moreira<sup>35</sup> no espaço. Ele é um sujeito histórico e religioso para o qual é direcionada grande atenção e veneração, não somente nos atos e gestos litúrgicos e cúlticos realizados pelos fiéis, mas também em várias falas de oficiais da Igreja Católica.

A Mateus Moreira foi reservado papel preponderante nas celebrações de devoção aos Mártires. A ele foram dedicadas várias imagens (tanto pintadas quanto esculpidas) que ficam espalhadas pelo espaço do complexo religioso do Santuário de Uruaçu (no santuário, na capela, no monumento, no *hall* da administração). Os ex-votos são colocados pelos fiéis e ficam expostos em uma imagem sua, esculpida, na capela ao lado do santuário. A ele são dedicados um Terço de São Mateus Moreira e lugar de honra nas músicas, poesias, litanias, rezas e na liturgia das missas realizadas durante o dia (3 de outubro), na capela. A ele se reza, através de seu terço, a fim de que ele interceda pela graça que é necessária para se viver a fé católica no mundo.

Diante disso, podemos refletir e questionar: como essa personagem foi aventada, dita, vista e revolvida por representantes da Igreja Católica Apostólica Romana, ao ponto de a ela ser reservado papel preponderante dentre os demais Protomártires do Brasil? Como ela foi engendrada ao ponto de sua representação poder vir a ser analisada como um fato histórico à parte, uma vez que os fiéis parecem usá-la como símbolo heroico e mitológico, e não somente como um fato frio, seco, vazio e meramente histórico?<sup>36</sup>

Para refletir a esse respeito, começamos aludindo que ao nome de Mateus Moreira foram guardadas palavras de honra no discurso (essa poderosa mídia criadora de imagens) do papa João Paulo II, em sua visita a Natal, na ocasião do encerramento do XII Congresso Eucarístico Nacional, em 1991. Na manhã do dia 13 de outubro, através de sua homilia, o papa fez alusão a Mateus Moreira, dizendo:

---

<sup>34</sup> Para averiguar a quantidade e a identificação de cada um dos Mártires de Uruaçu e Cunhaú, *vide* nota de rodapé 20.

<sup>35</sup> Chamado também de Matias Moreira na fonte coetânea: SANTIAGO, Diogo Lopes. **História da guerra de Pernambuco**. Recife: FUNDARPE, 1984 [original 1675]. 596 p. (Coleção Pernambucana).

<sup>36</sup> Pensamos, aqui, que podemos tanto reconhecer um fato histórico qualquer, como qualquer outro, e também reconhecer o fato histórico que, porventura, tenha se tornado mito, ou tenha sido mitificado.



É uma circunstância feliz que o Congresso esteja sendo realizado aqui em Natal. Precisamente aqui, em 1645 um homem simples, profundamente religioso, Matias Moreira, deu, com seus companheiros na região conhecida por Cunhaú e Uruaçú [sic], um belo testemunho que lembra o dos mártires da Igreja. Quando insultado e ferido pelos hereges por sua recusa em renegar a fé na Eucaristia e a fidelidade à Igreja do Papa, exclamou, quando lhe abriram o peito para arrancar-lhe o coração: 'Louvado seja o Santíssimo Sacramento!'. Irmãos e irmãs, esta magnífica profissão de fé, regou com sangue generoso a terra onde o Brasil inteiro veio reafirmar sua devoção na presença real de Cristo na Eucaristia.<sup>37</sup>

Ora, esse foi o trecho de uma fala proferida, em um evento de escala nacional, por aquele que, naquele momento, representava a Igreja Católica Apostólica Romana em seu posto hierárquico máximo: ele era o papa. Suas assertivas, apesar de não serem proferidas em um discurso *ex cathedra*,<sup>38</sup> tiveram, pensamos, uma força e impacto diferenciado nos fiéis. Dessa maneira, então, delineou publicamente alguns contornos da imagem de Mateus Moreira como sendo um homem simples, um leigo, decerto, mas também alguém comum, do povo, como qualquer outra pessoa, sem nenhum título especial ou algum outro grande distintivo. Contorna-o também como profundamente religioso, crente, voltado para o divino, ao ponto de considerar a sua própria vida como algo ao qual não deveria se apegar, mas ser capaz de entregá-la em razão de sua fé e fidelidade à Eucaristia e à Igreja do Papa. Mesmo frente a pessoas identificadas como hereges, portanto, inimigas, e com ferimentos que para nós são impressionantes, ele não negava sua fé. Não obstante, a declarava e regava com sangue a terra, de acordo com a apreciação papal. Certamente, manejando informações legadas pelos cronistas coetâneos, essa era uma imagem forte de um homem simples que estava sendo pintada pelo maior representante da igreja naquele momento, publicamente naquele evento.

Nessa alusão a Mateus Moreira, antes mesmo dos propostos Mártires terem sido beatificados e canonizados, o Papa João Paulo II fez referência ao rol de mártires da Igreja a qual estava vinculado. Nessa referência, colocou Mateus Moreira, em tom de equivalência,

---

<sup>37</sup> PAULO II, João. Homilia para o encerramento do XII Congresso Eucarístico Nacional de Natal. In: Palavra do Santo Padre ao Brasil. São Paulo, 1991. p. 18. (PEREIRA, 1999. p. 118).

<sup>38</sup> Expressão latina geralmente traduzida como “do alto da cadeira” ou “como catedrático”. No contexto da hierarquia da Igreja Católica Apostólica Romana, diz de quando o papa fala no exercício oficial de seu cargo, definindo questões de fé e moral. Conhecido como o dogma da infalibilidade papal, foi definido no Concílio Vaticano I, sob os auspícios do papa Pio IX: “Nós, aderindo fielmente à tradição recebida desde o começo da fé cristã, com vista à glória do divino Salvador, à exaltação da religião católica e a segurança do povo cristão (com aprovação do sagrado concílio), ensinamos e definimos como dogma divinamente revelado que o romano pontífice, quando fala *ex cathedra* (isto é, quando cumprindo o ofício de pastor e mestre de todos os cristãos, em sua suprema autoridade apostólica, define uma doutrina concernente à fé e aos costumes para que seja admitida pela Igreja Universal), pela divina assistência que lhe foi prometida pelo bem-aventurado Pedro, é dotado daquela infalibilidade com que o divino Redentor quis que sua Igreja – definindo uma doutrina concernente à fé e aos costumes – estivesse equipada.” (Concílio Vaticano I, sessão IV, capítulo 4 *apud* FERREIRA; MYATT, 2007, p. 97-98; MATOS, 2005, p. 44-45).



em lugar de semelhante prestígio para os fiéis e a Igreja, elevando, assim, a importância dessa figura histórica e religiosa a um patamar imediatamente diferenciado em relação às outras vinte e nove personagens que viriam a ser beatificadas e canonizadas alguns anos depois. Com essa fala, o Papa sinaliza publicamente, ainda, importante apoio político à causa dos Mártires, que tramitava na Congregação das Causas dos Santos, no Vaticano.

Outro importante representante da Igreja, o monsenhor Francisco de Assis Pereira, que além de postulador da causa dos Mártires, era vigário geral da Arquidiocese de Natal,<sup>39</sup> também comentou, quase dez anos mais tarde, em 1999, de maneira enfática que “a descrição de sua morte [de Mateus Moreira] é o ponto mais expressivo de toda a narrativa de Uruaçu e constitui um dos mais belos testemunhos de fé na Eucaristia, confessada na hora do martírio”. (PEREIRA, 1999, p. 35). Dessa feita, corroborou para os traços da imagem do considerado simples e profundamente religioso Mateus Moreira, que intencionalmente estava sendo delineado com tintas de triunfo como o clímax da narrativa de Uruaçu.

Assim, também, antes do monsenhor Pereira e do Papa João Paulo II, o padre Paulo Herôncio de Melo, em seu conhecido livro, *Os holandeses no Rio Grande*, na primeira edição em 1937, já havia grifado com letras maiúsculas a designada fala de Mateus Moreira nos atos de sua morte, em um capítulo (cap. XV) dedicado aos “Heróis e mártires” da pátria e da fé nos episódios em Cunhaú e Uruaçu. Com exceção dos títulos dos capítulos desse livro, essas são as únicas palavras que foram todas redigidas com letras maiúsculas. São as únicas palavras que receberam tal ênfase, considerando toda a extensão do livro. (MELO, 1937, p. 78). Para alcançar seus leitores e objetivos,<sup>40</sup> padre Herôncio de Melo escreveu uma peça literária, uma obra artística que, supomos, fosse mais eficiente em alcançar e marcar mais fortemente o “imaginário católico norte-rio-grandense” (PEIXOTO, 2014, p. 47) e o dos demais interessados em seus temas, o que talvez não fosse tão eficaz através de um tratado político ou de um texto analítico detalhado. Porque, pensamos, “a história [como gênero literário] faz o que nenhum teorema pode fazer. Pode não ser ‘como a vida real’ em um sentido superficial, mas coloca diante de nós uma imagem do que a realidade pode bem ser”. (LEWIS, 2018, p. 49-50). Nesse livro, portanto, Mateus Moreira e sua declaração foram apresentados ao público, em um texto com forte teor literário, narrativo, uma mídia de

<sup>39</sup> Era ainda sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

<sup>40</sup> Para uma reflexão e análise a respeito do contexto específico de produção da obra do padre Paulo Herôncio de Melo, *vide* PEIXOTO, Renato Amado. Duas Palavras: Os Holandeses no Rio Grande e a invenção da identidade católica norte-rio-grandense na década de 1930. **Revista de História Regional**, v. 19, p. 35-57, 2014; \_\_\_\_\_. ‘Verdadeira barbaria’: Paulo Herôncio e a escrita de ‘Os Holandeses no Rio Grande’ [prefácio]. In: Herôncio, Paulo. **Os Holandeses no Rio Grande**. Natal: Jovens Escribas, 2015. 124 p. p. 7-21. (Coleção A Invenção da Terra Potiguar).



memória, em um capítulo que evocava a ideia mitológica de heróis, tecendo essa personagem como tal, o que levou o monsenhor Pereira a afirmar:

Um fator que muito contribuiu para a divulgação da memória dos mártires foi a publicação, em 1937, do livro do Mons. Paulo Herôncio de Melo, intitulado *Os holandeses no Rio Grande*. Numa linguagem simples e popular eram lembrados os fatos e os personagens que marcaram esta gloriosa página de nossa história religiosa. (PEREIRA, 1999, p. 114-115).

É para nós, então, sintomático que em um texto considerado muito importante para a “divulgação da memória dos mártires”, que marcaram “gloriosa página de nossa história religiosa”, nele a personagem Mateus Moreira fora tecida no rol de heróis, como alguém que incorporou virtudes que serviriam como referência, como base e, ao mesmo tempo, inspiração para os fiéis vinculados à Igreja agirem no mundo.

A declaração de fé de Mateus Moreira era, portanto, enfaticamente louvada<sup>41</sup> e se segue que, muito por causa disso, os eventos conflituosos em Uruaçu (e também em Cunhaú, mas por outras razões) são propositalmente conectados ao ensinamento e dogma do sacramento da Eucaristia, o chamado Santíssimo Sacramento, assim designado em razão de a Igreja crer na “presença real de Cristo na Eucaristia”, como afirmou o papa em citação supramencionada. Tal ponto foi construído como um forte argumento em favor de que os episódios, desde o momento mesmo em que aconteceram, já estavam mais fortemente vinculados a um clima e a uma dimensão religiosa (do que política e/ou econômica), o que justificaria as mortes ocorridas nas localidades como em razão da defesa da fé cristã, na sua vertente católica apostólica romana.

Essas referências demonstram a forma pela qual o leigo Mateus Moreira, ao ser postulado como um elo entre eucaristia e martírio, podendo ser apresentado também como um mártir representante do Rio Grande do Norte, foi elevado a um patamar diferenciado em relação aos outros sujeitos. Ele foi alçado a uma posição na qual representa, atualmente, todas as outras pessoas consideradas martirizadas pela Arquidiocese de Natal (referente aos episódios de Cunhaú e Uruaçu), inclusive os dois oficiais da igreja, o padre André de Soveral, em Cunhaú, e o padre Ambrósio Francisco Ferro, em Uruaçu. Isso pode ser percebido mais claramente após a decisão de tornar o beato (tanto por ser considerado

---

<sup>41</sup> Na missa matutina que ocorre no dia 3 de outubro, na capela do complexo religioso de Uruaçu, ao lado do santuário, missa que é composta pelo Terço de São Mateus Moreira e pela ministração do sacramento da Eucaristia, um dos momentos mais importantes é quando todos os fiéis participam da celebração diretamente, proferindo a declaração de Mateus Moreira na hora de sua morte. Após o dirigente da missa rezar o Pai Nosso, ele diz a frase: “Na ora de sua morte, Mateus Moreira exclamou”, ao que os fiéis respondem: “Louvado seja o Santíssimo Sacramento”. Durante toda a missa, isso se repete cinco vezes. O momento mais importante da missa parece ser quando o ministrante celebra a Eucaristia e faz uma pequena peregrinação pelo complexo religioso de Uruaçu com a hóstia que, segundo a doutrina católica, se transforma no corpo de Cristo (doutrina da transubstanciação). Na ocasião da pequena peregrinação, os fiéis podem, inclusive, tocar no ostensório que transporta a hóstia, carregado pelo padre ministrante da missa.



bem-aventurado como por ter sido beatificado e canonizado) Mateus Moreira patrono dos ministros extraordinários da comunhão (ou Eucaristia) no Brasil, sendo eleito pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e oficialmente aprovado pela Santa Sé em 2005. Esse fato foi considerado pelo arcebispo metropolitano de Natal, dom Jaime Vieira Rocha, como um dos quatro argumentos em favor do decreto<sup>42</sup> que chancelou os Mártires como padroeiros do estado do Rio Grande do Norte, dignos, a partir de então, de serem celebrados como solenidade em todas as igrejas e capelas católicas do estado no dia 3 de outubro, feriado estadual no Rio Grande do Norte dedicado à memória dos Protomártires do Brasil.

O tratamento que Mateus Moreira recebe, tanto nos documentos analisados quanto no próprio Santuário de Uruaçu, parecem ser uma demonstração de uma abordagem e elaboração da história como mito, um uso mitológico, simbólico e heroico do passado perpetrado no presente e sintetizado na ideia de martírio através dessa personagem histórica. Pois, ao se verem diante de uma imagem de Mateus Moreira no Santuário de Uruaçu, os fiéis realizam gestos reverentes de culto, de adoração e liturgia, de modo que é possível perceber que para os fiéis a coisa em si (a imagem ou a escultura material, física de Mateus Moreira) não é o que mais importa, mas sim o que ela representa. O símbolo da personagem representa uma força que transcende o material, mas que se manifesta imediatamente por meios materiais. Portanto, a imagem (pintada ou esculpida) é um símbolo, uma mediadora, uma mídia, um dispositivo que conecta o fiel com uma história, com um mito no qual ele se insere, reconhece-se, identifica-se, pois, essa história sugere certo leque de virtudes e traz um determinado sentido à própria vida, povoando-a, ao mesmo tempo em que o fiel pode habitá-la.

Dessa maneira, lá está, então, São Mateus Moreira, empedernido, petrificado, concretado, traçado e retraçado, pincelado com as tintas do sofrimento e da entrega, “não com a pena do tormento, senão com a tinta do triunfo”, (JESUS *apud* PEREIRA, 1999, 108) alvo da confluência de tempos. De fato, um sujeito simples, como sugeriu o papa João Paulo II, mas não porque humilde ou exíguo, necessariamente, mas porque distante da complexidade da vida, abstraído dela. Paralisado ao vento, à “voragem do tempo”, (ABREU, 1998, p. 61) ao sol e à chuva, ao frio e calor, mas não o mesmo. Leigo quanto à vida, mas ainda interferindo nela.

Portanto, fixo, mas em movimento, recebendo as preces dos devotos, os triunfos dos ex-votos, as memórias e lembranças presente de um passado ausente, as cinzas do passado aos ventos do presente, imagens do ontem às tintas e mãos do hoje.

---

<sup>42</sup> Livro de decretos nº 3. Decreto 07/2013, fls. 55v, In: ARQUIDIOCESE DE NATAL. **Terço de São Mateus Moreira/ informativo de São Mateus Moreira**. Natal/RN: Arquidiocese de Natal, 2019. Folder.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS: CINZAS E TINTAS DO PASSADO AOS VENTOS E ÀS MÃOS DO PRESENTE

Histórias, quaisquer histórias, mesmo as acadêmicas, parecem ser portadoras de um mundo simbólico no qual qualquer pessoa que porventura se identifique com elas, pode habitar e encontrar um lar cognitivo e afetivo seguro para fazer, ali, morada. A mente e os pensamentos, mas primariamente o coração, os afetos, a imaginação humana parecem ser profundamente cativados por essas histórias. Histórias que formam imagens, grandes quadros cheios de cores, tintas e cinzas revolvidas as mãos de cada instante do presente, do tempo agora. Assim como o contrário: imagens que iniciam histórias, uma vez que a fímbria entre histórias e imagens parece ser muito tênue para se delimitar onde exatamente começa e termina cada uma delas. Mas são histórias que satisfazem os que são chamados e atraídos por elas; que preenchem os que com elas se identificam; que modificam os que com elas estabelecem relações písticas e místicas; que são capazes de sugerir novos caminhos, trajetórias e horizontes para se viver, desejar e sonhar; que oferecem e estabelecem um contexto para o crente viver e até mesmo morrer e declarar: “Minha morte nasceu quando eu nasci / Despertou, balbuciou, cresceu comigo... / E dançamos de roda ao luar amigo / Na pequenina rua em que vivi”. (QUINTANA, 2012).

Parecemos gostar de viver e contar histórias, o que, supomos, é favorecido pela qualidade narrativa da experiência, pois está passível de ser narrada. Podemos “experimentar” uma versão do passado que é proporcionada pela experiência da narrativa. Parece que também somos *homo narrator*, e não somente *sapiens*, *faber* ou *religio*. Parece que vivemos fazendo e administrando sinais para falar de nossas experiências, para criar os mundos semioticamente constituídos nos quais habitamos. Constituímos “sinais narrativos” com vista a oferecer “uma interpretação da realidade e estabelece[r] uma estrutura abrangente para a vida”. (NAUGLE, 2017, p. 369). Com as nossas experiências criamos nossos mitos, narrativas organizadoras nas quais nos inserimos nelas. Por sua vez, dramatizamos, teatralizamos e explicamos nossas experiências por meio de histórias. “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores”, (BENJAMIN, 1987, p. 198) sobretudo, dentro daquilo que o postulador monsenhor Francisco de Assis Pereira designou como fama dos Mártires perpetrada pelos séculos até os nossos dias. É o passado norteando nossa vida presente. São as cinzas e as tintas do pretérito aos ventos e às mãos do agora.

Nos santuários consagrados aos Mártires, mito e história, passado e presente, personagens fictícios e atores e sujeitos históricos se retroalimentam, sem se excluírem mutuamente. Pensamos que há indícios dos dois sendo irradiados na narrativa e nos



espaços. Parece haver vestígios de um conflito que ocorreu por razões econômicas, políticas e religiosas, uma vez que à época essas eram dimensões da vida que não eram compreendidas separadamente, nem assim atuavam, mas funcionavam como esteios de uma mesma força intrínseca, impossível de se separar. Por outro lado, parece haver também indícios da criação de uma história de martírio a partir dos episódios de conflito. Uma história mitificada, que visava oferecer um objeto permanente de veneração e contemplação; um numinoso que devia inspirar reverência, lidando com o fantástico, o impossível e o sobrenatural; às vezes triste, às vezes alegre, mas sempre elaborado de maneira grave e profunda. (LEWIS, 2019, p. 53-55). Cronistas, letrados, intelectuais, historiadores, religiosos e os espaços irradiam esses indícios e vestígios, alguns mais outros menos. Assim, tanto as cinzas do passado, bem como recursos mitificadores do presente foram cooptados e revolvidos pela Arquidiocese de Natal, entre 1988 e 2017, na elaboração da narrativa e dos espaços consagrados aos Protomártires do Brasil.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

ANDRADE, Rosa Lúcia. Fé e sacrifício no Engenho Cunhaú. In: EDITORIAL A REPÚBLICA. Nós, do RN. **Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Norte**. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, ano 2, n. 20, p. 3, jun. 2006. (Suplemento). Disponível em: <<https://docplayer.com.br/1230967-Nos-dorn-suplemento-o-massacre-de-cunhau-os-114-anos-do-judiciario-editorial-diario-oficial-do-estado-do-rio-grande-do-norte.html>>. Acesso em: 8 nov. 2018. p. 3.

ARQUIDIOCESE DE NATAL. **Terço de São Mateus Moreira**. Natal/RN: Arquidiocese de Natal, 2019. Folder.

ARQUIDIOCESE DE NATAL. **Terço de São Mateus Moreira/Informativo de São Mateus Moreira**. Natal/RN: Arquidiocese de Natal, 2019. Folder.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1984 [original 1955]. 524 p.

\_\_\_\_\_. **Os holandeses no Rio Grande do Norte**. Natal/RN: Departamento de Imprensa, 1949. 72 p.

EDITORIAL A REPÚBLICA. Nós, do RN. **Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Norte**. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, ano 2, n. 20, p. 1-8, jun. 2006. (Suplemento). Disponível em: <<https://docplayer.com.br/1230967-Nos-dorn-suplemento-o-massacre-de-cunhau-os-114-anos-do-judiciario-editorial-diario-oficial-do-estado-do-rio-grande-do-norte.html>>. Acesso em: 8 nov. 2018.

GALANTI, Raphael Maria. **História do Brasil**. 2. ed. Tomo II. São Paulo: Duprat, 1911.

GARRO, Lopo Curado. Breve, verdadeira e autêntica relação das últimas tiranias e crueldades, que os pérfidos holandeses usaram com os moradores do Rio Grande. In: SALVADOR, Frei Manuel Calado do. **O valeroso lucideno e o triunfo da liberdade**.



Lisboa: Officina de Domingos Carneiro, 1668. 356 p. p. 277-280. Disponível em: <<http://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/18144>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

JESUS, Frei Rafael de. **Catrioto lusitano**. Paris: J. P. Aillaud, 1844 (original 1679). 608 p. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/179485>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

LYRA, Augusto Tavares de. **História do Rio Grande do Norte**. 3. ed. Natal: EDUFURN, 2008 [original 1920]. 440 p. (Coleção História Potiguar).

\_\_\_\_\_. **Domínio holandês no Brasil**: especialmente no Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro: Typ. Do Jornal do Commercio de Rodrigues & C, 1915.

MELO, Paulo Herôncio de. **Os Holandeses no Rio Grande**. 1. ed. Rio de Janeiro: Empresa Editora ABC Limitada, 1937. 106 p.

PEREIRA, Francisco de Assis. **Protomártires do Brasil**: Cunhaú e Uruaçu – RN. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1999. 135 p.

POMBO, José Francisco da Rocha. **História do Estado do Rio Grande do Norte**. 1. ed. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil; Porto: Renascença Portuguesa, 1922. 494 p.

RIO GRANDE DO NORTE. Lei nº 8.913, de 6 de Dezembro de 2006. (Declara feriado estadual o dia 03 de outubro, dia estadual à memória dos Protomártires de Uruaçu e Cunhaú). Disponível em: <[http://www.al.rn.gov.br/portal/\\_ups/legislacao//arq5064574f632ec.pdf](http://www.al.rn.gov.br/portal/_ups/legislacao//arq5064574f632ec.pdf)>. Acesso em: 21 nov. 2018.

SALVADOR, Frei Manuel Calado do. **O valeroso lucideno e o triunfo da liberdade**. Lisboa: Officina de Domingos Carneiro, 1668. 356 p. (Livro primeiro). Disponível em: <<http://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/18144>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

SANTIAGO, Diogo Lopes. **História da guerra de Pernambuco**. Recife: FUNDARPE, 1984 [original 1675]. 596 p. (Coleção Pernambucana).

## BIBLIOGRAFIA

ABREU, Capistrano de. Guerras flamengas. In:\_\_\_\_\_. **Capítulos de história colonial (1500-1800)**. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998. 226 p. p. 83-106.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução Maria Luiza Jardim Amarante. 1.ed. São Paulo: Paulus, 1997 [original 397-400]. 464 p. (Coleção Patrística).

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2013 [original 1999]. 374 p.

ANDRADE, Manuel Correia de et al. (Orgs.). **Tempo dos flamengos e outros tempos**. 1.ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1999.

ASSMAN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. 1.ed. Tradução Paulo Soethe. Campinas: Unicamp, 2011 [original 2006]. 456p.

BENJAMIN. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BEZERRA, Miquéias de Medeiros. **“Revolvendo as cinzas do passado”**: a construção do espaço sacroprofânico nos santuários aos Protomártires do Brasil, pela Arquidiocese de Natal/RN (1988-2017). 2021. 151 f. Dissertação (Mestrado em História & Espaço) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2021.



BOOGAART, Ernst van Den et al. Marcos Galindo (Org.). **Viver e morrer no Brasil holandês**. 1.ed. Recife: Massangana, 2005.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

BRÜSEKE, Franz. O sagrado na modernidade técnica. **Cadernos de pesquisa interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 70, p. 16, maio, 2005.

CARR, Edward Hallet. **Que é história?** Tradução Lúcia Maria de Alverga. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982 [original 1962].

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013 [original 1975]. 388 p.

DOOYEWEERD, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental**: estudos sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico. Tradução Guilherme de Carvalho e Rodolfo Amorim de Souza. 1.ed. Brasília, DF: Monergismo, 2018 [original 1960]. 276 p.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução Rogério Fernandes. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1992 [original 1957]. 109 p.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2007. 1218 p.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, n. 1, 1988, p. 5-27.

HESÍODO. **Teogonia e Trabalhos e dias**. Tradução de Sueli Maria de Regino. São Paulo: Martin Claret, 2010. 144 p. (Coleção a obra-prima de cada autor, 307).

LEWIS, C. S. **Um experimento em crítica literária**. Tradução Carlos Caldas. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019 [original 1961]. 160 p.

\_\_\_\_\_. **Sobre histórias**. Tradução Francisco Nunes. 1.ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018 [original 1966]. 256 p.

LIMA, Douglas Albert de Souza. Luís Soares Correia de Araújo: traços de uma biografia. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, jul., 2011.

MARCHI, Euclides. O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 43, p. 33-53, 2005.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Tradução Rubens Enderle e Leonardo de Deus. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2010 [original 1843].

MATOS, Alderi Souza de. **A caminhada cristã na história**: a Bíblia, a igreja e a sociedade ontem e hoje. 1.ed. Viçosa/MG: Ultimato, 2005. 256 p.

MELLO, José Antonio Gonsalves de. **Tempo dos Flamengos**: influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil. 4. ed. Recife: Instituto Ricardo Brennand; Topbooks, 2001.

MUSEU DA PESSOA. **Tecnologia social da memória**: para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias. [s.l.]: Abravideo; Fundação Banco do Brasil, 2009.



NAUGLE, David K. **Cosmovisão: a história de um conceito**. Tradução Marcelo Herberts. 1. ed. Brasília: Monergismo, 2017 [original 2002]. 487 p.

NIETZSCHE, Friedrich W. **A gaia ciência**. Tradução Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

OLIVEIRA, Luiz Antônio de. **O martírio encenado: memória, narrativa e teatralização do passado no litoral sul do Rio Grande do Norte**. 2003. 153f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/727>>. Acesso em: 8 nov. 2018.

PEIXOTO, Renato Amado. Duas Palavras: Os Holandeses no Rio Grande e a invenção da identidade católica norte-rio-grandense na década de 1930. **Revista de História Regional**, v. 19, p. 35-57, 2014.

\_\_\_\_\_. 'Verdadeira barbaria': Paulo Herôncio e a escrita de 'Os Holandeses no Rio Grande' [prefácio]. In: Herôncio, Paulo. **Os Holandeses no Rio Grande**. Natal: Jovens Escribas, 2015. 124 p. p. 7-21. (Coleção A Invenção da Terra Potiguar).

\_\_\_\_\_. PEIXOTO, Renato Amado. Abismo – o Collège de Sociologie, Walter Benjamin, e a aproximação entre socialismo e esoterismo na França (1935-1948). **Revista História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 13, n. 32, p. 221-260, jan.-abr. 2020.

\_\_\_\_\_. **Cartografias imaginárias: estudos sobre a construção da história do espaço nacional brasileiro e a relação História & Espaço**. 2. ed. rev. ampl. Natal/RN: Ed. do autor, 2019. 203 p.

\_\_\_\_\_. Zona de confluxo: a investigação da historicidade do espaço por meio do exame do afastamento da História em relação à Geografia. **Revista Porto**, v. 1, n. 1, p. 111-126, 2011.

PINCHEMEL, Philippe & Geneviève. **La face de la terre, éléments de géographie**. 3.ed. Paris: Armand Colin, 1994 [original 1988].

PINTO, Amanda Thaise Emerenciano. **A presença do professor Luiz Correia Soares de Araújo no Grupo Escolar Frei Miguelinho (1912-1967)**. 2015. 92f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. 288 p. (Coleção história e historiografia).

PUNTONI, Pedro. **A Guerra dos Bárbaros: povos indígenas e a colonização do Sertão Nordeste do Brasil, 1650-1720**. São Paulo: Hucitec, 2002. (Estudos históricos, 44).

QUINTANA, Mario. **Canções seguido de Sapato florido e A rua dos cataventos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. 238 p. (Coleção Mario Quintana).

ROSENDAHL, Zeny. **Hierópolis: o sagrado e o urbano**. 1.ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. 112 p. (Série Geografia Cultural).

\_\_\_\_\_. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002 [original 1996]. 92 p. (Série Geografia Cultural).

\_\_\_\_\_. **Primeiro a obrigação, depois a devoção: estratégias espaciais da Igreja Católica no Brasil de 1500 a 2005**. 1.ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. 196 p.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. "Perto do céu... numa nave espacial": reforma devocional e turismo religioso no Santuário do Lima (Patu-RN, 1936-1979). **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 16, n. 49, p. 107-135, jan./abr. 2018.



SANTOS, Magno Francisco de Jesus; NUNES, Verônica Maria Meneses. Na Trilha dos Passos do Senhor: A devoção ao Senhor dos Passos de São Cristóvão/SE. **Revista da Fapese de Pesquisa e Extensão**, v.2, p. 97-110, jul./dez. 2005.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2009.

SCHALKWIJK, Frans Leonard. **Igreja e Estado no Brasil Holandês (1630-1654)**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. 448 p.

TAYLOR, Charles. **Uma era secular**. Tradução Nélio Schneider e Luiza Araújo. São Leopoldo: Unisinos, 2010. 930 p.

TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. Os nomes da cidade no Brasil colonial: considerações a partir da capitania do Rio Grande do Norte. **Mercator**, ano 2, n. 3, p. 53-60, 2003.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo. **História das lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 a 1654**. Lisboa: Typographia de Castro Irmão, 1872. 420 p.

WALTON, John H. **O mundo perdido de Adão e Eva: o debate sobre a origem da humanidade e a leitura de Gênesis**. Tradução Rodolfo Amorim Carlos de Souza. 1. ed. Viçosa, MG: Ultimato, 2016 [original 2015]. 256 p. (Série Ciência e Fé Cristã).

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução Mário Moraes. São Paulo: Martin Claret, 2013 [original 1904/1905]. 300 p. (Coleção a obra-prima de cada autor; 49).

*\*A utilização e reprodução de imagens, figuras, mapas, tabelas, gráficos, dados e citações neste artigo é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es). A Equipe Editorial da Revista Historiador, bem como os revisores, não tem qualquer responsabilidade sobre as escolhas realizadas pelo(s) autor(es).*